

A CAMPANHA DE D. JOÃO I CONTRA AS FORTALEZAS DA REGIÃO DE ENTRE-DOURO-E-MINHO

Por Humberto Baquero Moreno

Após a conclusão das cortes de Coimbra de Março-Abril de 1385, em que D. João I foi eleito rei de Portugal, impunha-se ao jovem monarca tomar a direcção do Norte a fim de preparar o exército que combatesse as fortalezas que haviam tomado voz por Dona Beatriz, mulher de João I de Castela.

Com efeito, o rei de Portugal permaneceu em Coimbra até ao dia 21 de Abril¹, altura em que deixa a cidade para se dirigir ao Porto, onde chega no dia 25 de Abril². Fernão Lopes equivoca-se quando escreve que o monarca chegou à cidade Invicta durante o mês de Maio³.

Um dos mais belos capítulos da crónica de D. João I consiste na descrição da entrada do rei no burgo portuense, que pelo seu maravilhoso efeito não podemos deixar de transcrever:

Partio el Rey de Coimbra [como tinha] ordenado pera o Porto, que herã dahy dezoito leguoas, cidade homde nunca fora nem em logar de hu a divisar podese. Esta çidade he situada jumto com ho rio que chamaõ Doiro, no qual se fazem muitas e boas naos e outros navios, maes que em [outro] lugar que no reino aja. Heo, muy profundo este rio que vay açerqua dela, de guisa que de seus bordos da naoo poẽ pramcha em terra quando querẽ para ir demtro, aqueles a que aprouguer de o fazer. E os desta çidade, sabemdo que el Rey aviaa de vir a ela, fizeramse prestes de o reçoer, estabelecemdo por mamdamento que nenhũ usase de seu ofiço e que todos aquele dia çesassẽ dos acus -

¹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. João I*, livro 1, fol. 134 v.

² Idem, *Ibidem*, livro 1, fol. 103 v.

³ *Crónica de D. João I*, ed. Civilização, Porto, 1933, vol. II, cap. VIII, p. 19.

⁴ *ibidem*, cap. VIII, pp. 19-21.

tumados trabalhos; o qual recebimẽto hordenaraõ desta guisa. Todalas naaos que erã no rio, muito çedo pola menhaã, [foram] apendoadas E em de bamdeiras e de estamdartes, e postos muitos verdes ramos em certos loguares omde cada huũ emtemdia que lhe melhor podia parecer; hos bateẽis delas amdavaõ todos emrramados, com trombetas e pemdoẽes davamte e de ree, fformidos de homeẽs que os bem remavaõ, delles em camisas com sombreiros de rosas, outros de livres de ramos e de flores, segundo se cada huũ melhor correger podiaõ. As gemtes da cidade, carecẽtes de todo nojo , com novas e milhores vestiduras que cada huũ tinha, ferviaõ amdando per toda parte, triguamdose de se correger tam bem que naõ podesẽ sor prasmados. As ruas por omde ele avia de hir ata os paços homde avia de pousar, heraõ estradas de ramos e flores e ervas de boõs cheiros, de guisa que do chaõ naõ parecia nenhũa cousa. As portas das casas destas ruas heraõ todas abertas, emrramadas de louro e doutros frescos ramos, deles que pendiaõ homde comprya, outros tecidos taõ espeçamente que naõ leixavaõ loguar que todo naõ fose cuberto; e esto podiaõ bem fazer naquele tempo, que era ho mes de Maio; e forçavase cada huũ do vemçer seu vizinho per corrigimento do portal e sobrado, fazemdo e poẽdo as portas defumduras de tamtos nobres cheiros que bem podiaõ afojomtar qualquẽr maoo ar que fose corruto. As janelas lamçavaõ panos e mamtas, e outras cousas de roupa, que afermosemtavaõ muito as ruas pelas quoaẽs amdavaõ certos homeẽs que desto tinhaõ espiciall carreguo, fazemdo afastar e correger toda couusa sobeja ou minguoada que torvar podese sua boa ordenamça. As janelas das casas todas erã ocupadas com fermosas donas, e molheres doutra comdiçãõ, com graõ desejo e amor de [ho] ver, assy guoarnidas de taees corrigimentos que fealdade e mao parecer naõ ousou aquele dia emtrar na çidade; em çertos logarees avia bamdos de molheres que camtavaõ muitas cantigas, e coidas armadas pera treparẽ homeẽs que ho bem fazer sabiaõ, quamdo el Rey alo cheguese. A mesteiraaees e muita gemte outra heraõ emcomemdadas damças e jogos doutras maneiras, em que amdavaõ velhos e maõçebos, todos com leda vomtade; e as molheres ysso mesmo em seu bamdo fizeraõ pelas muito bem corregidas, as quaes acompanhavaõ com muitas camtiguas, delas feitas em louvor del Rey e outras acostumadas; naõ somente as de meañ estado e comdiçãõ, mas muitas de boas da cidade amdavaõ com elas por homrra da festa. A porta por homde el Rey avya de vir estavaõ muitos cidadãos homrradamente vestidos com guoarnimentos douro e prata, e muito outro povo fora com a ssyna da çidade, huũs com varas nas maõs pera reger os jogos, como el Rey cheguisse.

[outros] para irem em sua companhia ataa os paços homde avia de pou-sar. Naõ com menos semtido de ho receber homrradamente se fez pres-tes com sua clerisya ho homrrado dõ Johaõ, Bispo da çidade, onnesta e homrradamente e ricamente em pomtificial vestido, e ysso mesmo todos los outros festivelmēte com hos melhorees corrigimentos que tinhaõ. E sendo todos [assi] aguardamdo, cada huũ em seu loguar, pareceo a jemte del Rey de parte alem de Guaya, por omde elle avya de vir, e os bateis que amdavaõ sulcamdo pello rio foraõ loguo ali muito prestes cõ gramdes apupos e tamger de trombetas, mostramdo gramde lediçe, amtre os quaës hera huũ gramde e fermoso batel, rricamente coregido e toldado, em que el Rey avia de passar. E como el Rey emtrou com esses ffidalguos e das outras gentes quoamtas emtrar poderão naquele e nos outros batẽis, comecarõ todos a voguar ao logo do rio, ho del Rey diamte muito apemdoado, e os oulros todos detras, que era graõ prazer de ver. E a porta da Mireiguaia, homde ho estavaõ atendendo, como dizemos, sayo el Rey em terra por huũa larga e espaçosa pramcha, homde ho beijar da maõ e *mantenhavos Deus, Senhor*, era tamto que naõ podiaõ aver vez de comprir suas vomtades. E depois de huũ boõ espaço que se nesto detiveraõ, falou hũ cidadaõ a que desto hera dado careguo, e dise: *Senor .Tomay esta syna em vossas maõs e per ela nos poemos em voso poder e vos fazemos preito [e menagem] de vos servir com os corpos e averees, ata despemder as vidas por homrra do Reino e vosso serviço*. El Rey, emquoamto ele esto dise, teve as maõs na haste dela dizemdo que assy era elle prestes pera despemder a vida e o corpo per homrra do Reino e defemssaõ delles, e que los avia por boõs e leãis, e lhe faria muitas merçees quoamdo lhe per elles requeridas fosse. Emtaõ comecarão a reger suas damças e jogos, nnas quuões muyto ameude em alta e clara võs bradavão, dizemdo: *Viva el Rey dom Joaõ Viva*. El Rey hia muyto passo pela çidade, que naõ podia doutra guisa porque a gemte hera tamta per totalas ruas pelo ver que parecia que se queriaõ affoguar. E as donas que estavaõ as janelas falavaõ altamente que ho mantivesse Deus muitos annos e boõs e que muita fosse sua vida e boa e outras taeès rezoeës. E em dizemdo esto, deitavaõ de cima mui-tas rosas c frores e milho e trigo e outras cousas. A quoall festa e reçe-bimento desta guisa feito demovia muitas delas a reguar suas fermosas caras com docẽis e praziveës lagrimas. E assy foy [el Rey] levado com esto prazer e lediçe aos paços omde avia de pousar, e as iemtes se tornaraõ festejamdo cada huũs, pera suas casas.

Após a sua festiva recepção na travessia do rio Douro e na entrada no Porto pela porta de Miragaia procurou o rei juntar os seus homens

e prepará-los para a campanha militar que se avizinhava. A maior parte deles vinha do sul. O cronista escreve a propósito que «sendo todos (assi) aguardando, cada hũu em seu loguar, pareceo a jemte del Rey de parte alem de Guaya, por omde elle avya de vir, e os bateis que anda-vão sulcando pello rio forão loguo ali mui prestes com grandes apupos e tamger de trombetas, mostamdo grande lediçe, amtre os quaes era hũu grande e formoso balel, rricamente coregido e toldado, em que el Rey avia de pasar. E como el Rey emtrou com esses ffidalguos e das outras gemtes quamtas emtrar poderão naquele e nos outros bateis, comecarão todos a voguar ao longo do rio, ho del Rey diamte muito apemdoado, e os outros todos detras, que era grão prazer de ver»⁵.

A permanência de D. João I na cidade do Porto, acompanhado da sua hoste, prolongou-se até ao dia 5 de Maio⁶, pelo que se infere que a demora não foi além de uns escassos onze dias. A chegada do exército real a Guimarães, para dar início ao cerco da vila e do castelo, verificou-se em 8 de Maio⁷.

Exercia as funções de alcaide do castelo Aires Gomes da Silva. De quem se tratava? Filho de João Gomes da Silva e de Senhorynha Martins⁸, Fernão Lopes descreve-o como homem que «avia fermoso corpo e bem pareçemte (que) trazia grão casa de fidalguos»⁹, tendo desempenhado, por designação do rei D. Pedro, as funções de aio do infante D. Fernando, futuro rei de Portugal.

O primeiro documento da chancelaria a seu respeito remonta a 29 de Setembro de 1357, altura em que o rei D. Pedro lhe fez doação da quinta da Silva, com as suas rendas, localizada no almoxarifado de Valença do Minho¹⁰. Já no tempo do rei D. Fernando, por carta de 8 de Abril de 1367, obteve a doação de juro e herdade, dos lugares de Unhão, Vilar de Tôrno. Manhuncelos, Atães, Vila Caís, Brunhais e Regilde, na comarca de Entre-Douro-e-Minho, com a posse da jurisdição civil, casais, honras, maladias, casas e fortalezas, com transmissão a seus herdeiros por via legítima¹¹.

⁵ *Ibidem*, cap. VIII. p. 20.

⁶ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. João I*, livro 1, fols. 103 v-104.

⁷ *Idem*, *Ibidem*, livro 1, fol. 103.

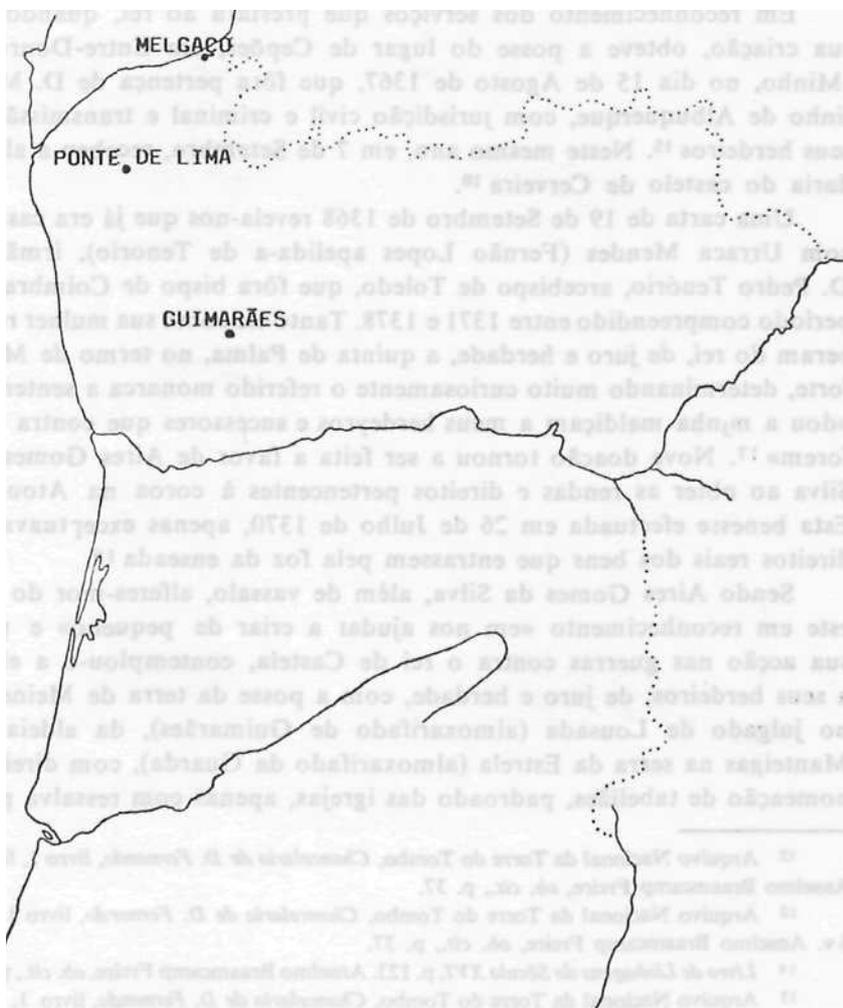
⁸ *Livro de Linhagens do Século XVI*, Lisboa, 1956, p. 123.

⁹ *Ob. cit.*, cap. IX, p. 22.

¹⁰ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Chancelaria de D. Pedro, livro único, fol. 14 v.

¹¹ *Idem*. *Chancelaria de D. Fernando*, livro 1, fols. 4-4 v. Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, vol. II, Lisboa, 1973, pp. 37-38.

A CAMPANHA DE D. JOÃO I CONTRA OS CASTELOS DA REGIÃO DE ENTRE DOURO E MINHO (Sec. XIV)



D. Fernando fez-lhe entrega das alcaidarias dos castelos de Valença¹² e de Guimarães¹³, respectivamente em 8 e 10 de Abril de 1367.

Aires Gomes da Silva casou em primeiras núpcias com Dona Moor Pires Valha, de quem teve a Gonçalo Gomes da Silva, o qual veio a falecer antes da morte do progenitor¹⁴.

Em reconhecimento dos serviços que prestara ao rei, quando da sua criação, obteve a posse do lugar de Cepões, em Entre-Douro-e-Minho, no dia 15 de Agosto de 1367, que fôra pertença de D. Martinho de Albuquerque, com jurisdição civil e criminal e transmissão a seus herdeiros¹⁵. Neste mesmo ano, em 7 de Setembro, recebeu a alcaidaria do castelo de Cerveira¹⁶.

Uma carta de 19 de Setembro de 1368 revela-nos que já era casado com Urraca Mendes (Fernão Lopes apelida-a de Tenorio), irmã de D. Pedro Tenório, arcebispo de Toledo, que fôra bispo de Coimbra no período compreendido entre 1371 e 1378. Tanto ele como sua mulher receberam do rei, de juro e herdade, a quinta de Palma, no termo de Monforte, determinando muito curiosamente o referido monarca a sentença: «dou a minha maldizã a meus herdeyros e sucessores que contra ello forem»¹⁷. Nova doação tornou a ser feita a favor de Aires Gomes da Silva ao obter as rendas e direitos pertencentes à coroa na Atougia. Esta benesse efectuada em 26 de Julho de 1370, apenas exceptuava os direitos reais dos bens que entrassem pela foz da enseada¹⁸.

Sendo Aires Gomes da Silva, além de vassalo, alferes-mor do rei, este em reconhecimento «em nos ajudai a criar de pequeno» e pela sua acção nas guerras contra o rei de Castela, contemplou-o a ele e a seus herdeiros, de juro e herdade, com a posse da terra de Meinedo, no julgado de Lousada (almoxarifado de Guimarães), da aldeia de Manteigas na serra da Estrela (almoxarifado da Guarda), com direitos, nomeação de tabeliães, padroado das igrejas, apenas com ressalva para

¹² Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Fernando*, livro 1, fol. 7. Anselmo Braamcamp Freire, *ob. cit.*, p. 37.

¹³ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Fernando*, livro 1, fol. 6 v. Anselmo Braamcamp Freire, *ob. cit.*, p. 37.

¹⁴ *Livro de Linhagens do Século XVI*, p. 123. Anselmo Braamcamp Freire, *ob. cit.*, p. 41.

¹⁵ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Fernando*, livro 1, fols.

15 v-16. Anselmo Braamcamp Freire, *ob. cit.*, p. 38.

¹⁶ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Fernando*, livro 1, fol.

16 v. Anselmo Braamcamp Freire, *ob. cit.*, p. 37.

¹⁷ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Fernando*, livro 1, fols. 31 v-32, Anselmo Braamcamp Freire, *ob. cit.*, p. 38.

¹⁸ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Fernando*, livro 1, fol. 67.

a coroa da apelação do crime, concessão realizada em 22 de Dezembro de 1371¹⁹.

Quando do casamento de D. Fernando com D. Leonor de Teles em Leça do Balio, em o ano de 1372, aparece-nos Aires Gomes da Silva a esbater a fúria do rei, quando este quisera dar com uma «daga» a seu irmão D. Dinis, por o mesmo se recusar a beijar a mão da rainha²⁰. Aparece-nos, ainda, no ano seguinte ao lado do rei, ao negociar a paz com Henrique II de Castela²¹. Em 12 de Abril deste mesmo ano alcançou a doação das rendas e direitos da vila de Leiria com a obrigação de servir na guerra com certas lanças. Ressalvavam-se os direitos dos judeus, que ficavam para a coroa²³. Também em 16 de Julho do ano em apreço obteve a doação dos direitos da terra do Loureiro, no almo-xarifado de Guimarães, que abrangia o préstamo dos juizes, o préstamo do Loureiro e o mordomado e almoinha da par de Moreira, em pagamento da sua tença para servir com certas lanças²³.

Destaque-se, ainda, a sua intervenção em 1377 junto de D. Fernando que lhe «queria gram bem», para que o infante D. João obtivesse o per-dão régio²⁴.

A generosidade de D. Fernando estendeu-se a Gonçalo Gomes da Silva, filho de Aires Gomes da Silva, em reconhecimento do serviço por ambos prestados à coroa. Por carta de 8 de Fevereiro de 1379 obteve a doação de juro e herdade da terra de Aguiar de Pena, com suas rendas, foros e direitos. Entendia-se que se o beneficiário não deixasse descendentes a terra tornaria à coroa²⁵. Curiosamente, contudo, Aires Gomes da Silva lembra ao rei que este lhe outorgara em préstamo a terra de Aguiar de Pena e que entretanto lhe levantava dificuldades ao impedi-lo de cobrar os direitos e ao confiscar as terras que por seu turno havia dado em préstimo a algumas pessoas. O rei por carta de 18 de Novembro de 1382 dava-lhe garantias²⁶. Temos de sublinhar contudo a discrepância existente entre as duas cartas, a não ser que Gonçalo Gomes da Silva já fosse falecido nesta data.

¹⁹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Fernando*, livro 1, fols. 87 v-88.

²⁰ Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*, Porto, 1966, cap. LXII, p. 166.

²¹ Idem, *Ibidem*, cap. LXXXII, p. 216.

²² Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Fernando*, livro 1, fol. 119.

²³ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Fernando*, livro 1, fol. 127v.

²⁴ Fernão Lopes, *ob. cit.*, cap. CIV, pp. 285-287.

²⁵ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Fernando*, livro 2, fols. 38-38v.

²⁶ Idem, *Ibidem*, livro 3, fol. 26.

Falecido o rei D. Fernando em 22 de Outubro de 1383 permaneceu Aires Gomes da Silva no castelo de Guimarães, tendo este fidalgo tomado voz por D. Beatriz. A carta do Mestre de Avis de 4 de Agosto de 1384. confisca-lhe a terra de Santo Tirso de Meinedo, doada a Estêvão Lourenço de Grade, escudeiro do conde D. Gonçalo²⁷. Também em 17 de Setembro de 1384 viu-se privado de Unhão e doutros lugares em benefício de João Afonso de Albuquerque²⁸. No termo das cortes de Coimbra de 1385, o recém-eleito rei D. João I, por carta de 21 de Abril tirou-lhe o lugar de Pigeiros e deu-o a Martim Afonso, escudeiro de Martim Vasques da Cunha²³. Assinale-se que a terra de Meinedo de Santo Tirso, atrás referida, foi confirmada por caita de 1 de Agosto de 1385 na posse do mencionado Estêvão Lourenço Grade³⁰.

Em Guimarães, Aires Gomes da Silva encontrava-se acompanhado de «oytemta escudeiros bõos e bem fidalguos», além de «outros escudeiros de comarca, gualegos e castelãos», destacando-se entre os seus companheiros Gonçalo Pires Coelho, Gonçalo Marinho, genro de Aires Gomes da Silva, Aires Gomes, o Moço e Álvaro Doutor de Fumos «bem afamado homem darmas». A vila estava bem defendida com «duas çerquas» e o castelo.

D. João I acompanhado por trezentos homens a cavalo e com o auxílio de Afonso Lourenço de Carvalho, que residia em Guimarães, e ainda de Paio Rodrigues, conseguiu que uma das portas da cerca fosse aberta, o que lhe permitiu a entrada na vila. Tomada a primeira cerca e após recusa do alcaide em aderir ao rei de Portugal, iniciaram-se os preparativos da conquista da cerca velha. Para isso mandou o monarca vir do Porto, engenhos, armas e oficiais mecânicos, que levantaram uma «bastida», e fizeram escadas de mão para o escalamento do reduto. Iniciada a refrega, Aires Gomes da Silva estabeleceu um acordo com o rei na base de que se ao fim de um mês não lhe viesse socorro do rei de Castela, procederia então à entrega do castelo. Como garante do acordo ficou Gonçalo Peres Coelho em poder do monarca português. Entretanto Gonçalo Marinho partiu para Córdova em demanda do auxílio castelhano, que não pôde ser prestado, o que levou a guarnição à rendição. Sublinhe-se que Aires Gomes da Silva «hera velho e não bem são, e levarãono ffora em colos de homens e a poucos dias depois desto

²⁷ Idem, *Chancelaria de D. João I*, livro I, fol. 26.

²⁸ Idem, *Ibidem*, livro I, fol. 29v.

²⁹ Idem, *Ibidem*, livro I, fol. 19.

³⁰ Idem, *Ibidem*, livro I, fol. 98.

morreo aqui no reino». Sua mulher e seu filho Afonso Gomes da Silva exilaram-se em Castela³¹.

João Gomes da Silva, sobrinho de Aires Gomes da Silva, recebeu por carta de 5 de Setembro de 1385, os bens que a mulher e o filho de seu tio possuíam em Guimarães, pois «se foram pera nossos jmgos»³². Também uma quinta no termo de Atouguia, que pertencera a Aires Gomes da Silva, foi doada em 16 de Dezembro de 1390, a Gonçalo Lourenço, criado do rei e escrivão da sua comarca³³. Mutos bens foram doados ao seu sobrinho João Gomes da Silva por carta de 25 de Junho de 1394³⁴, com novas doações ao mesmo em 9 de Fevereiro de 1412³⁵ e em 27 desse mesmo mês e ano³⁶, os quais haviam sido pertença de Aires Gomes da Silva.

Gonçalo Pires Coelho que havia ficado por refém junto de D. João I, não tardou muito a aderir à causa deste monarca. A comprová-lo temos a carta régia de 29 de Maio de 1385 em que o rei lhe faz doação da quinta de Dairão que estava na posse de Lopo Gomes de Lira; da quinta de Parada pertencente a Afonso Gomes da Silva e da quinta de Gomei-mur propriedade de Vasco Gomes de Abreu³⁷. Dois anos depois, por carta de 23 de Janeiro, recebeu, com transmissão a seus herdeiros, a quinta de Xedrões, no julgado de Barroso, que fôra pertença de Gonçalo Rodrigues de Araújo, morto ao serviço do rei de Castela, e ainda os bens móveis e de raiz dos filhos de Álvaro Soares de Tagilde, com destaque para Soeiro Afonso, os quais se encontravam ao lado do monarca castelhano³⁸. Temos, ainda, que D. João I, por carta de 22 de Novembro de 1388 lhe fez entrega da alcaidaria do castelo de Guimarães³⁹.

Fernão Lopes erra ao datar a rendição do castelo de Guimarães em princípios de Junho⁴⁰, quando a mesma se verificou em meados de Maio, pois em 19 desse mês já se encontra em Ponte de Lima⁴¹.

³¹ Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, vol. II, cap. IX a XII, pp. 22 a 30.

³² Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. João I*, livro 1, fols. 90v-91.

³³ Idem, *Ibidem*, livro 2, fol. 51v.

³⁴ Idem, *Ibidem*, livro 2, fols. 97-98v.

³⁵ Idem, *Ibidem*, livro 3, fols. 136v-137v.

³⁶ Idem, *Ibidem*, livro 3, fols. 136-136v.

³⁷ Idem, *ibidem*, livro 1, fol. 158v.

³⁸ Idem, *Ibidem*, livro 1, fols. 179v-180.

³⁹ Idem, *ibidem*, livro 1, fol. 194.

⁴⁰ Fernão Lopes, *ob. cit.*, vol. II, cap. XII, pp. 29-30.

⁴¹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. João I*, livro 1, fols. 142-142v.

Acompanhado por uma centena de cavaleiros o monarca tomou a direcção de Ponte de Lima, simulando que se dirigia para o mosteiro da Costa. Para não serem descobertos ataram as línguas dos cavalos «com as sedas do rabo por não rincharem». Com o auxílio do residente Estêvão Rodrigues entraram na vila por uma porta, depois de haverem atravessado a ponte, travando-se de seguida rijas escaramuças nas ruas limianas⁴².

A defesa das torres da vila estava a cargo de Lopo Gomes de Lira. Quem era este homem? Vassalo do rei D. Fernando e meirinho--mor de Entte-Douro-e-Minho, obteve em 21 de Janeiro de 1370 a doação dos bens móveis e de raiz pertencentes a Afonso Domingues Tés-tinho e Vicente Vieira, morador em Braga, que segundo o rei D. Fernando tinham cometido «treycam na tomada da dicta cidade per elrrey dom Anrrique de Castella»⁴³.

O rei fez-lhe doação em 15 de Maio de 1372, em recompensa dos serviços prestados na guerra contra Henrique II de Castela, transmissível a seus herdeiros, da terra de Fraião, no almoxarifado de Valença, com a posse das pertenças e rendas do tabeliado, ressaltando as apelações civis e criminais⁴⁴. Nesse mesmo ano, por carta de 2 de Setembro, recebeu a terra de Bouças, no almoxarifado do Porto, com a obrigação de servir na guerra com vinte lanças⁴⁵. Ainda no ano em curso, por carta de 10 de Outubro obteve as terras de Sernancelhe, Cedovim, Pe-nedono e São João da Pesqueira com a mesma obrigatoriedade de servir com outras vinte lanças⁴⁶. De assinalar, também, a entrega que D. Fernando lhe fez em 28 de Janeiro de 1376, em remuneração de seus serviços, das casas da coroa existentes em Ponte de Lima, as quais haviam sido «feictas das obras do muro da dieta villa em que elle ora pousa», concessão que segundo o rei agradava aos homens bons do referido concelho⁴⁷.

No derradeiro ano da vida de D. Fernando, surge-nos a carta de 8 de Janeiro de 1383, em que o arcebispo de Braga D. Lourenço se queixa que fôra degredado por Lopo Gomes de Lira, sendo os seus bens con-

⁴² Fernão Lopes, *ob. cit.*, vol. II, caps. XIV e XV, pp. 34-37.

⁴³ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Fernando*, livro 1, fol. 50.

⁴⁴ Idem, *lbidem*, livro 2, fol. 97v.

⁴⁵ Idem, *lbidem*, livro 1, fol. 111.

⁴⁶ Idem, *lbidem*, livro 1, fol. 112v.

⁴⁷ Idem, *lbidem*, livro 1, fol. 188.

fiscados e os seus homens presos. O rei ordena a cessação da perseguição movida ao bispo e a libertação dos seus homens⁴⁸.

Com a revolução de 1383 aparece-nos este fidalgo ao lado de Cas-tela. Em Braga coagiu os moradores da cidade a obedecerem, contra vontade, ao arcebispo de Santiago, em nome do rei de Castela, ameaçando de castigo todos os que não aderissem a esse partido⁴⁹. Na companhia do referido arcebispo, e doutros portugueses como Aires Gomes da Silva e Gonçalo Pires Coelho, além de certos capitães galegos, participou no cerco da cidade do Porto, que se conservava fiel ao Mestre de Avis⁵⁰.

O comportamento de Lopo Gomes de Lira deu azo a que o Mestre de Avis, por carta de 10 de Setembro de 1384, lhe confiscasse a adega de Camarate em benefício do cavaleiro Antão Vasques, residente em Lisboa⁵¹. Também em 2 de Outubro desse ano viu-se privado da posse da terra de Valdevez que foi doada de juro e herdade a Álvaro Dias de Oliveira, com suas rendas e direitos⁵². Durante o assédio de Ponte de Lima, D. João I por carta de 19 de Maio de 1385 confiscou-lhe a terra de Fraião, acima referida, a qual foi doada de juro e herdade a Mem Rodrigues de Vasconcelos, filho de Mem Rodrigues de Vasconcelos⁵³.

Quando do cerco de Ponte de Lima, antes do rei combater a torre, enviou recado a Lopo Gomes de Lira para que em troca da sua rendição ser-lhe-iam dadas muitas mercês e confirmados os bens que possuía, lembrando-lhe inclusive que a vila não tinha castelo que lhe permitisse defender-se. Perante a sua recusa iniciou-se o ataque à localidade. A torre onde se encontrava «he a mais alta e a mais defemssavell de todalas outras que ha na vila» existindo nela «dous sobrados e he toda chea ata o muro». A guarnição era constituída por trinta e seis homens de armas. Face ao fogo ateadado por Martim Afonso de Melo na porta do torreão, poucas hipóteses restavam aos defensores. Valeu na ocorrência a inter-cessão de Vasco Martins de Melo, que condoído da mulher de Lopo Gomes de Lira, Teresa Gomes, filha de Vasco Gomes de Abreu, «que amdava prenhe», e de seus filhos, foram retirados «per cordas em hũu çesto». Prisioneiros foram levados para o Porto, «omde forão muy

⁴⁸ Idem, *Ibidem*, livro 3, fol. 53.

⁴⁹ Fernão Lopes, *ob. cit.*, vol. I, cap. LXVIII, pp. 132-133.

⁵⁰ Idem, *Ibidem*, vol. I caps., CXVII e CXVIII, pp. 229-231.

⁵¹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. João I*, livro 1, fol. 63.

⁵² Idem, *Ibidem*, livro 1, fols. 55-55v.

⁵³ Idem, *Ibidem*, livro 1, fols. 142-142v.

mal recebidos de doestos e de muy maas palavras», transitando para Coimbra por razões de segurança⁵⁴.

Com a prisão de Lopo Gomes de Lira foram-lhe confiscados os bens ainda não abrangidos. Assim, por carta de 11 de Maio de 1385 viu-se privado da quinta de Geela, que foi doada a Estevão Anes de Gondim, com as suas rendas e direitos⁵⁵. Ainda no referido ano, em 25 de Novembro, perdeu as casas que possuía em Ponte de Lima, em benefício de Nuno Viegas o Moço⁵⁶. No ano seguinte, por carta de 5 de Janeiro, foram entregues todos os seus bens móveis e de raiz a Garcia Lopes de Calheiros, escudeiro de Ponte de Lima⁵⁷.

A derradeira campanha de D. João I contra um reduto acastelado de Entre-Douro-e-Minho deu-se em Fevereiro de 1388. Depois duma longa permanência em Braga, desde 11 de Setembro de 1387⁵⁸ até ao termo de Janeiro do ano seguinte, «assaaz afadiguado da guerra», empreendeu o ataque a Melgaço, cujo arraial perdurou até meados de Março do referido ano.

A vila era «cerquada sem arrabalde, de bom muro e forte castello». O exército real era formado por mil e quinhentos lanceiros e «muita gemte de pee». A defesa do lugar pertencia a Álvaro Pais de Sotomaior e Diogo Preto Exemeno, acompanhados por trezentos homens de armas e muitos «pioees escudados». As escaramuças iniciais provocaram alguns mortos e feridos. No dia 3 de Março de 1388 foi erguida a bastida para o ataque final. Após um cerco que durou cinquenta e três dias chegou-se a acordo entre ambas as partes. Assentou-se deste modo na entrega do castelo e da vila ao rei D. João I, estabelecendo-se «que todos aviam de sair em gibõees, com senhas varas nas mãos». A alcaidaria do castelo foi entregue a João Rodrigues de Sá, partindo entretanto o rei para Monção, onde se encontrava D. Filipa de Lencastre⁵⁹. Daqui retornaram a Ponte de Lima, encontrando-se nesta vila em 27 de Março desse mesmo ano⁶⁰.

Numa síntese final temos que as campanhas de D. João I resultaram duma forte organização militar, em que não raro os atacantes dispuseram da colaboração de alguns sitiados favoráveis a causa do recém-

⁵⁴ Fernão Lopes, *ob. cit.*, vol. II, cap. XVII, pp. 38-41.

⁵⁵ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. João I*, livro 1, fol. 160.

⁵⁶ Idem, *Ibidem*, livro 1, fol. 149v.

⁵⁷ Idem, *Ibidem*, livro 1, fol. 143 v.

⁵⁸ Idem, *Livro 1 de Estremadura*, fols. 161-162.

⁵⁹ Fernão Lopes, *ob. cit.*, vol. II, cap. CXXXIII a CXXXV, pp. 292 a 297.

⁶⁰ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. João I*, livro 1, fol. 191v.

-eleito monarca. Sublinhe-se a acentuada supremacia das forças leais ao rei português a par duma ausência de auxílio por parte do monarca castelhano, a que se poderá acrescentar a circunstância das populações aderirem com relativa facilidade a causa do fundador da dinastia de Avis. O poderio militar de D. João I associado a uma certa desmoralização das guarnições militares dos castelos ajuda a explicar a feitura de acordos que se traduziam na rendição dos sitiados, situações que aliás se repetiu em todos os casos, após assédios mais ou menos demorados e dependentes do início de negociações.